



## **O BRINCAR DIANTE DAS NOVAS TECNOLOGIAS NA CLÍNICA PSICANALÍTICA**

Mayra Fernanda Ramalheira de Almeida (PIBIC/CNPq/Uem), Paulo José da Costa (Orientador), e-mail: [pjcosta@uem.br](mailto:pjcosta@uem.br)

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

**Área e subárea do conhecimento:** 70700001 PSICOLOGIA; 70710015 INTERVENÇÃO TERAPÊUTICA

**Palavras-chave:** Clínica infantil; brinquedo; psicanálise.

### **Resumo:**

Em geral, o brinquedo é utilizado pela criança como uma atividade lúdica que tem profundas consonâncias com seu mundo interno, e para os psicólogos de orientação psicanalítica eles são usados como uma forma de expressão e comunicação no processo psicoterapêutico infantil. Considerando as profundas mudanças ocorridas nos modos de brincar e na produção de brinquedos, principalmente a partir da introdução das novas tecnologias como a internet, os jogos eletrônicos etc., buscou-se investigar como a evolução do brinquedo e suas implicações no brincar estão se manifestando no contexto da clínica psicanalítica com crianças.. Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório, cujos dados foram coletados através de entrevista semiestruturada com psicólogos clínicos de referencial psicanalítico, atuantes na cidade de Maringá-PR. Para estes psicólogos, a tecnologia é atual e presente no cotidiano de todos e não seria diferente na vida infantil. Desse modo, a função deles é verificar a simbolização que seu paciente traz, seja por brinquedos tecnológicos ou não, visando a compreensão dos conteúdos inconscientes.

### **Introdução**

É através do brinquedo, dos jogos e da brincadeira que a criança expressa a capacidade de se desenvolver. Este brincar traz para dentro da área lúdica a sua realidade psíquica pessoal (WINNICOTT, 1975). Com as profundas mudanças ocorridas em nossa sociedade, tanto a produção industrial quanto tecnológica impôs modificações nos tipos de brinquedos disponíveis e por consequência nos modos de brincar. Considera-se que



alguns dos brinquedos dificultam a fixação da atenção da criança e não contribuem para a ampliação dos recursos imaginativos, tendo em vista que a cada momento surgem brinquedos novos e com mais tecnologias. Isto parece, por vezes, gerar automatismos e desinteresse, seja porque certos brinquedos impõem o modo de brincar, seja por criar expectativas pela próxima novidade no mercado.

Na clínica psicanalítica, o brincar sustenta a fantasia infantil e se deve buscar sua potencialidade própria. O paciente traz para a sessão os elementos de experiências oriundas da realidade externa e os usa como elementos de enriquecimento e transformação no campo transicional, com efeitos no mundo interno. Nessa perspectiva, buscou-se investigar como a evolução do brinquedo e suas implicações no brincar estão se manifestando no contexto da clínica psicanalítica com crianças. De outro modo, propõem-se saber como está o brincar na clínica psicanalítica atual, diante de todas as mudanças na oferta de brinquedos, principalmente com o surgimento dos jogos eletrônicos e da internet.

### **Materiais e métodos**

Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório, sendo utilizada a entrevista semiestruturada para a coleta dos dados. Os participantes foram seis profissionais psicólogos de orientação psicanalítica, atuantes na cidade de Maringá-PR, que trabalham com crianças. A seleção dos participantes foi intencional e por conveniência, buscando-se localiza-los através de indicações e o contato realizado via telefone. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas.

### **Resultados e Discussão**

A aplicação do método psicanalítico ao tratamento de crianças e pacientes psicóticos foi instrumentalizada por Melanie Klein. Entretanto, é preciso considerar que, até a formalização empreendida por Klein, e mesmo posteriormente, existiram inúmeros autores que propuseram aproximações da psicanálise, até então aplicada no tratamento de adultos, com o mundo infantil e suas tentativas de estabelecer modos de intervenção com crianças. (SOARES; ONO, 2013). Por enquanto priorizaremos esta autora (Melanie Klein) segundo a qual o brincar ocupa o lugar fundamental de método psicanalítico na resolução de problemas clínicos, porque expressa os conteúdos das fantasias infantis – fantasias relacionadas aos conflitos sexuais, cuja função da dinâmica é reconhecível no romance edípico. A brincadeira é uma maneira de a criança expressar o seu mundo interno. Também para Winnicott o brincar é uma forma de comunicação na psicoterapia e as brincadeiras oferecem uma maneira de se entrar no



universo infantil. É através do brincar, dos jogos e da brincadeira que a criança expressa a capacidade de se desenvolver e os objetos ou fenômenos oriundos da sua realidade psíquica pessoal (WINNICOTT, 1975). Os profissionais da área clínica se utilizam de referenciais como estes em seus trabalhos cotidianos. O brincar para eles é uma técnica válida e acessível ao universo infantil, já os brinquedos, que ficam organizados em uma caixa lúdica, são ferramentas técnicas. Essa caixa lúdica foi introduzida por Arminda Aberastury a partir de uma sistematização da proposta kleiniana. Para esta autora (1992), a caixa representa o mundo interno da criança, o mundo não verbal, contendo as representações inconscientes e as relações com seus objetos, diferente de um discurso verbal, no qual o sujeito tem a possibilidade de modificar o seu discurso através das defesas organizadas para impedir que venha à tona o sofrimento.

Caso a criança não brinque, ou se prive dessa atividade, segundo Winnicott (1975) é função do analista trazer o paciente para um estado onde haja o brincar. Uma das entrevistadas declarou que o preocupante é a alienação a somente um brinquedo, pois segundo ela, mesmo os brinquedos mais avançados proporcionam o mundo da fantasia, cabendo então a ela, caso o paciente chegue a um estado de alienação, descobrir o porquê aquilo está ocorrendo e porque o paciente não obtém prazer com outras brincadeiras.

Consoantes com a literatura, os profissionais entrevistados ressaltaram a importância do brincar, dos jogos e da brincadeira para o desenvolvimento infantil e como expressão do psiquismo da criança, equivalente à associação livre no adulto. Desse modo, a caixa lúdica e o brincar tornam-se parte fundamental da técnica psicanalítica com crianças, por permitirem a compreensão das fantasias e conflitos, com a consequente interpretação e elaboração.

Em relação ao desenvolvimento infantil e as novas tecnologias, os profissionais apresentaram tanto aspectos positivos quanto negativos. Sobre os primeiros, indicam que a tecnologia encurta espaço e tempo, ampliando as possibilidades de comunicação, informação e criatividade. Quanto aos negativos, ressaltam que podem engessar a brincadeira em termos de criatividade e imaginação, e/ou causar obstrução do desenvolvimento psicomotor, por não estimular a exploração de vivências necessárias à integração de todos os elementos envolvidos. Entretanto, a tecnologia é algo presente na vida de todos, fazendo parte inclusive da vivência da criança que está em desenvolvimento, não podendo ser ignorada.

Todos os profissionais entrevistados declararam que em algum momento a criança trouxe e/ou solicitou um brinquedo tecnológico, como um *tablet*, por exemplo. Mas enfatizaram que é função do analista verificar o sentido simbólico de qualquer objeto utilizado e respectiva ação envolvendo tal material, uma vez que isto se relaciona com suas fantasias, desejos e vivências.



## Conclusões

Através dos discursos trazidos pelos profissionais, notou-se que, independente do brinquedo, eletrônico ou não, não se modifica ou adapta a técnica psicanalítica utilizada nos atendimentos clínicos infantis. Além disso, é importante não fazer dos aparelhos eletrônicos objetos da terapia, incorporando-os como técnica, mas sim, verificar a simbolização representada por tais objetos quando trazidos para a sessão.

Destaca-se que é importante que os profissionais estejam atualizados, sabendo quais são os referenciais do sujeito contemporâneo, com a finalidade de compreender o mundo sensorial que seu paciente está trazendo e que através dele expressa seu inconsciente, para então auxiliá-lo com as técnicas que possuem.

## Agradecimentos

À UEM – PPG/CNPq pela bolsa concedida e aos profissionais que contribuíram com a pesquisa.

## Referências

ABERASTURY, A. **A criança e seus jogos**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1992.

KLEIN, M. A técnica psicanalítica do brinquedo: sua história e significado. In: Herrmann, F. A.; LIMA, A. A. (Org.) **Psicologia**. São Paulo: Ática, 1982 p. 117-136.

SOARES, M. D.; ONO, M. Psicanálise com crianças: histórias que configuram um campo. In: GUELLER, A. S.; SOUZA, A. S. **Psicanálise com crianças**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013, p. 20-51.

WINNICOTT, D. W. **O brincar & a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.